

HISTÓRIA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO MÁRIO GUSMÃO, O ANJO NEGRO DA BAHIA

Luana Lago Almeida¹
Malú Silva Carvalho²
Sheylla Tomás Silva³

Resumo: A região sul-baiana deixa muito a desejar quando nos referimos à preservação da memória social. Portanto, quando surge um produto que valoriza a cultura regional e expõe "fragmentos" de nossa identidade cultural, é importante vê-lo, revê-lo e estudá-lo com o intuito de compreender não só a obra em si, mas o contexto que a cerca. O documentário *Mário Gusmão: o anjo negro da Bahia* apresenta o ator baiano em três linhas temáticas: o artista, a militância no movimento negro e a espiritualidade. Partindo destes eixos determinados, este estudo visa refletir sobre cada um destes "elementos identitários" que compõem grupos de identificação, baseadas na figura de Mário Gusmão e sua experiência no interior da Bahia.

Palavras-chave: Mário Gusmão, identidade, cultura, memória.

INTRODUÇÃO

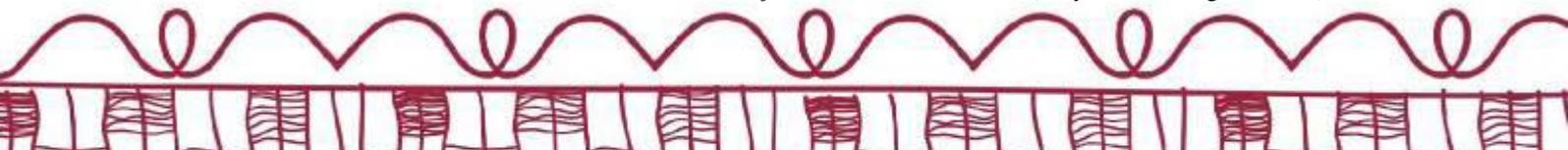
A região sul-baiana deixa muito a desejar quando nos referimos à preservação da memória social. Apesar de ter no turismo histórico uma de suas principais fontes de renda, as iniciativas de resgate da história local não se estendem de maneira satisfatória a todo o patrimônio cultural existente. À exceção de Jorge Amado, poucos são os grandes nomes regionais que tiveram seus legados conservados e valorizados ao longo dos anos. E ao referirmo-nos a "regionais" não nos limitamos àqueles que aqui nasceram, mas também aos que influenciaram significativamente a sociedade local, contribuindo para o crescimento de diversos setores.

Nesse contexto, o documentário MÁRIO GUSMÃO: O ANJO NEGRO DA BAHIA, realizado por Élson Rosário (2005), caracteriza-se como uma ferramenta de valorização da cultura regional por apresentar, através de diferentes linhas identitárias, as transformações e o impacto que o personagem título causou não só em Ilhéus, Itabuna e adjacências, mas em toda a Bahia.

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz. Comunicação Social – Rádio e TV. (lualago_1@hotmail.com)

² Universidade Estadual de Santa Cruz. Comunicação Social – Rádio e TV. (maluluzinha@hotmail.com)

³ Universidade Estadual de Santa Cruz. Comunicação Social – Rádio e TV. (sheylla.tomas@gmail.com)



O documentário apresenta a vida e obra de Mário Gusmão através de uma série de entrevistas com pessoas e personalidades que conviveram com ele e, mais que isso, compartilharam momentos de glória e tragédia ao longo de sua trajetória. A elucidação do tema direciona o olhar do público para três enfoques temáticos da personalidade – e por que não dizer identidade – do ator: a veia artística, a militância no movimento negro e a espiritualidade através do candomblé.

A narrativa segue uma ordem cronológica, iniciada por seu nascimento, na cidade de Cachoeira, passando por sua iniciação como ator, em Salvador, e o respectivo sucesso que alcança não só no teatro, mas também no cinema e televisão. Através de fotos, cartazes e cenas de filmes, o vídeo nos apresenta a fase gloriosa do ator. Entretanto, sua ascensão é interrompida quando é preso por porte de drogas, durante o regime militar. A partir de então, os depoentes nos contam o declínio da carreira de Mário, a dificuldade de voltar aos palcos, e como isso o trouxe para o sul da Bahia, onde revolucionou movimentos culturais e sociais da região.

O filme, contudo, não se encerra na morte de Gusmão, ele apresenta o seu legado como ator, como negro que assumiu sua etnia e lutou em movimentos de conscientização, e também como um homem de religiosidade afluída, que tem no candomblé uma forte ligação com suas raízes e, principalmente, um caminho na empreitada de entender a si próprio.

Com efeito, este estudo objetiva fazer uma análise do documentário, à luz de sua capacidade de identificação e representação, ou seja, não há intenção em fazer uma análise técnica do filme, mas sim dos aspectos que remetem a conceitos como baianidade, etnicidade e negritude.

"Nós vivemos em um país onde a maioria não tem direito a história, não tem direito a memória, portanto não tem noção de pertencimento. E não ter a noção de pertencimento é o caminho mais fácil para o outro te dominar.", afirma a socióloga Vilma Reis nos primeiros minutos do filme. Assim sendo, partimos do princípio de que a desconstrução desta obra audiovisual levará à reflexão e compreensão dos mecanismos sociais que atuam na região, afim de que seja possível interferir nos mesmos e, desta forma, fortalecer os elementos que compõem nossa identidade cultural.

IDENTIDADES “DESCENTRADAS”

Antes de nos centrarmos em cada um dos discursos apontados pelo diretor Élson Rosário, se faz necessária uma explanação sobre a questão da identidade multifacetada, descentralizada, a base para compreender o sujeito pós-moderno.

Como foi dito anteriormente, o documentário apresenta Gusmão em três linhas temáticas: o artista, o negro e o religioso. Cada um destes eixos forma-se e sustenta-se em uma estrutura identitária, seguindo o preceito de que “um mesmo sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em torno de um ‘eu’ coerente.” (HALL, 1999, p.13)

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, afirma Stuart Hall. Logo, para compreender o que nos faz construir uma noção de identidade, de pertencimento, é preciso destacar quais fatores nos colocam em um mesmo grupo de identificação. De acordo com Milton Moura, não é plausível falar de *uma identidade* ou *a identidade* como uma coisa dada, estabelecida e fixa. O que se pode observar são *identidades* em interação, tanto em dinâmicas de consenso como em dinâmicas de conflito.

É importante ressaltar, no entanto, que um “conjunto” de identidades não estabelece uma única significação para o sujeito, pois nossas identificações são continuamente deslocadas.

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1999, pg. 13)

No documentário, essa relação de múltiplas identidades é exposta através da figura de um dos maiores atores baianos, que assume sua postura de negro, que mantém proximidade de suas raízes, que busca na sua cultura originária a (re)significação para sua existência, ao mesmo tempo em que levanta sua bandeira contra o preconceito social, racial e religioso. Vale ressaltar que o discurso norteador para as considerações abaixo é a narrativa do filme, portanto, seguimos os caminhos previamente traçados por Rosário para identificar os processos de formação da identidade cultural.

[...] a emergência, insinuação, estabelecimento ou consolidação de uma identidade é um processo consideravelmente complexo.
[...] A distinção depende muito mais do ângulo de observação

do que do processo mesmo. É que os contornos de um processo são observados sempre de um determinado ângulo. Nesse caso, os contornos tanto são delineados pelos sujeitos que vivem o drama de construção de uma identidade como pelos pesquisadores, escritores, artistas e demais profissionais especializados que se debruçam sobre este drama. (MOURA, 2005, p. 79)

Nas próximas linhas, discutiremos cada uma das “faces” de Mário Gusmão abordadas no filme de Rosário, versando sua contribuição para o crescimento dos grupos e movimentos em que se envolveu, para a valorização do teatro regional e do cinema baiano.

MOVIMENTO NEGRO

Mário Gusmão é comumente lembrado pela sua “maneira negra de ser”. Ele tinha como objetivo ultrapassar as barreiras do preconceito e mostrar a todos seu orgulho em ser negro. Essa afirmação da sua identidade, fez com que ele engrenasse movimentos que valorizassem a cultura negra.

A Bahia é um dos estados que mais possui pessoas negras e é considerada por muitos como a “África” do Brasil. Sendo assim, Mário Gusmão ajudou a consolidar essa identidade na Bahia. Porém, apesar de grande parte da população baiana ser afro-descendente, sempre houve preconceitos. De acordo com Milton Moura, as identidades são formadas a partir de enfrentamentos com instâncias de maior dominação, chegando a ser um elemento unificador. Então, com tantos conflitos, a identidade veio para unificar umas das culturas mais ricas da região.

A partir disso, surge um termo: “baianidade”. Para Moura, (MOURA, 2005, p.86) “O que dizer, então, baianidade? É o texto identitário que se tornou hegemônico, nas últimas décadas, no sentido de organizar as referências culturais da região que corresponde a Salvador e seu Recôncavo”.

Dentro dela, encontra-se “o ser baiano” que está ligado também a negritude. Para Kabengele Munanga, “a negritude é afirmação do negro pela valorização de sua cultura, a começar da poesia e outros”. Essa valorização é encontrada nas vestimentas, na religiosidade, na culinária, por exemplo, e é cultuada pelos que tem o orgulho de sua descendência.

É notória a formação de um grupo para disseminar sua cultura. Cada grupo é formado por pessoas que possuem um mesmo interesse e acreditam em um mesmo ideal. Renato Silveira diz que:

[...] ‘grupos étnicos’ não são figuras folclóricas em vias de extinção, agarradas a valores fixos e superados, são sujeitos agindo na cena da história, geradores dos próprios quadros sociais, vivendo um processo permanente de atribuição e auto-identificação, na competição com os demais grupos sociais, em um contexto social dado.(SILVEIRA, 2005, p.43)

A formação de grupos étnicos, em prol da continuidade de seus ideais, traz a baila a definição do conceito “etnicidade”. Segundo Barth (apud SILVEIRA, 2005, p.42), “[...] o que conta realmente na definição de ‘etnicidade’ são as condições nas quais certos traços culturais, e não outros, são valorizados e transformados em critérios de inclusão e exclusão”.

A partir dos grupos étnicos e do verdadeiro significado da “etnicidade”, Mário Gusmão inspirou a criação do Bando de Teatro Olodum, que tem atores negros, e ganhou premiações. Um dos seus espetáculos, “Ó, paí, ó” virou um longa-metragem e também série televisiva.

Além disso, ele também teve uma influência relevante no Ilê Aiyê, primeiro bloco afro da Bahia, que tem como objetivo preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. Para isso, homenageia países, nações e culturas africanos e as revoltas negras brasileiras.

O movimento negro quer exatamente isso: mostrar e valorizar seus traços culturais, rememorando seus antepassados e transformando isso em motivo de orgulho. Assim, Mário Gusmão disseminou o valor do seu povo. Desde então, participou de grupos e fez parte de movimentos, fortalecendo o jeito negro de ser.

RELIGIOSIDADE

Mário Gusmão se identifica com a religiosidade do seu povo: o candomblé, uma religião originária da África e que cultua os orixás. Cresceu junto com ela, porém foi afastado por sua própria família. Anos depois, ao se reencontrar, tem o candomblé como sua religião. O documentário “Mário Gusmão, o Anjo Negro da Bahia”, por vezes

divide a história desse grande artista em “capítulos” representados pelas divindades do candomblé.

O candomblé hoje é assunto de contradições, até mesmo na Bahia, um dos locais onde existem mais adeptos. Ele foi resumido a uma religião de devoção ao sacrifício e culto a maldades. Entretanto, Oliveira afirma que:

As religiões africanas são eminentemente comunitárias. A dimensão comunitária destas religiões expressa sua concepção de vida e do universo. O importante é o bem-estar de todos os membros da comunidade. Não existe divisão de classes ou privilégios sociais. Os benefícios da religião e da religiosidade são universais (para o grupo, família, clã, ou cidade). (OLIVEIRA, 2003:65-66)

Complementando, Renato Silveira (2005, p.42) diz que, “Assim, certas tradições étnicas afro-baianas, categorias de atribuição e identificação manipuladas pelos próprios atores, conforme a definição de Barth, foram reduzidas a invenções de pais e mães-de-santo”.

Ele afirma que ao interpretar ou analisar algo que não faz parte do cotidiano das pessoas, elas tendem a analisá-la de maneira equivocada, exagerando ou omitindo elementos cruciais para a formação da identidade, seja de religião, cultura ou sociedade. Nesse caso, a cultura afro-baiana acaba por ser resumida ao candomblé, que por sua vez foi reduzida a macumba e pai e mãe-de-santo.

Mário Gusmão, tentando dinamizar a cultura e a religiosidade dos afro-baianos, mergulha na religiosidade e cultua a religião, mostrando à população os ideais do candomblé e desmitificando alguns mitos vigentes no senso comum.

O ARTISTA

Analisar a trajetória artística de Mário Gusmão é transitar por caminhos diferentes da arte, mas que no final leva à consagração de um grande e completo artista. Além de ator, dançarino, coreógrafo e produtor, ele serviu de referência para as novas gerações de artistas na Bahia com sua identidade forte e seu talento inquestionável.

O Anjo Negro, como ficou conhecido, foi o primeiro ator negro a se formar na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Ingressou no teatro em 1958, e ao longo da carreira, atuou em 23 peças teatrais e 16 filmes. “Alcançou fama nacional

quando atuava nos filmes de Glauber Rocha, ficando conhecido como o “seu favorito”, sendo disputado por vários cineastas baianos e tornando-se um dos maiores destaques do Cinema Novo.” (GUTEMBERG, 2008).

É difícil imaginar que nos anos 60 um ator negro pudesse se tornar referência, mas com talento e sabedoria, Mário Gusmão soube conquistar esse reconhecimento, e driblar a discriminação. Exaltado pela mídia, o príncipe negro baiano fazia sucesso no teatro e no cinema, chegando à televisão, e deslanchava uma carreira promissora.

No apogeu do teatro baiano, Mário junta-se com João Jorge e criam o Bando de Teatro Olodum, levantando o incentivo cultural voltado para artistas negros que não tinham espaço na mídia. Essa era uma bandeira defendida por ele, criar oportunidades para atores deixados à margem, e não “se embranquecer” por um papel, mas assumir sua raça interpretando com toda essência. Essa característica foi o que fez o diferencial do artista Mário Gusmão, se há como definir, que seja como o jeito negro de representar.

O diretor teatral do Bando, Márcio Meirelles relata no documentário, “Já são 15 anos de bando, e Mário Gusmão é um dos ancestrais, talvez um dos responsáveis por isso. Ele tinha uma maneira negra de interpretar, uma maneira negra de ser ator, enquanto que a gente ver muitos atores negros se embranquecendo para estar na mídia. Acredito que é preciso buscar essa expressão negra do teatro, na representação, e Mário tinha isso, tinha o jeito negro de ser no palco, ele não precisa empunhar nenhuma bandeira, o fato dele estar representando é um jeito negro de representar.”

As referências de Mário podem ser encontradas ainda hoje, quando vinculadas à essência negra de interpretação, como modelo próximo de artista negro consagrado e talento que sobressai sobre as adversidades da vida.

Durante a ascensão de sua carreira, ele viu o efeito negativo da mídia. Preso por porte de drogas, assistiu atrás das grades a derrota da sua carreira. O anjo negro da Bahia, o grande ator, agora não passava de um negro sendo taxado pela sociedade. Foi uma fase muito complicada, ele viu amigos de afastando, o título de “só podia ser artista” sendo levantado, e sua carreira tão talentosamente construída ir decaindo. Mas, após sair da prisão contou com a ajuda dos poucos verdadeiros amigos que estiveram do seu lado, e deixando essa má fase para trás foi convidado por Jorge Amado para vim morar em Ilhéus.

Vindo no intuito de preencher as lacunas que faltavam na arte local, Mário Gusmão serviu como base para formação de novos grupos culturais e artísticos na

região Cacaueira. Foi o principal incentivador do teatro de Buerarema, Ilhéus e Itabuna. Além de abrir caminhos de cunho racial, também abrangeu a consciência social como artista e como ser humano. É considerado precursor dos movimentos negros de Ilhéus e Itabuna pelos militantes destes municípios. Foi durante sua estada na região, na década de 80, que surgiram várias entidades importantes para a história de luta do movimento negro.

Mário Gusmão não era um negro singular, era um talento ímpar da Bahia. Seu currículo tem páginas e páginas para fazer referências às peças teatrais, novelas e minisséries na televisão, filmes, além de atuar também como dançarino, coreógrafo e professor.

Servindo ainda como referência, foi o grande inspirador de jovens artistas contemporâneos como Jackyson Costa e Lázaro Ramos, hoje atores da Rede Globo de Televisão. É uma referência diferenciada, pois a imagem dele está próxima. Jackyson foi seu aluno de teatro durante 6 anos, e confere a Mário o título de orientador e mestre. Já Lázaro Ramos, apresenta Mário Gusmão como incentivador de seu espírito artístico: “Quando eu assistia televisão não via nada que eu me identificasse, e não tinha interesse. E ver um ator negro, baiano, possível, bom ator, pra mim foi um estímulo próximo.”

Outra atividade artística bem desenvolvida pelo artista era a dança. Ele já apresentou inúmeros espetáculos de dança, tornando-se, como disse o dançarino e coreógrafo Clyde Morgan, um arquétipo, um ícone para a população afro-baiana.

Artista completo, o anjo negro da Bahia, soube através de sua arte valorizar sua cultura, sua raça, seu instinto e mesmo após sua morte ser lembrado como referência de talento. Lutou pelos seus ideais, concretizou sonhos, e mesmo quando estava por baixo, não perdeu a esperança de fazer da arte um alavancar para uma sociedade melhor.

CONCLUSÃO

O documentário aborda características distintas de um artista singular. Mostra, através da perspectiva do ator Mário Gusmão, símbolos e outros elementos semânticos que geram identificação a um determinado segmento social. Desta forma, a obra se constitui numa ferramenta de resgate do nosso patrimônio cultural.

A multiplicidade de identidades, abordada no filme, mostra-se como algo real e em constante deslocamento. Assim, pode-se observar que as identidades se encontram em interação, que pode ocorrer de forma harmônica ou conflituosa.

No caso de Mário Gusmão, essas identidades se completam de tal forma que exaltam o jeito negro de representar. E essa essência na representação, faz dele uma referência para novos artistas na Bahia.

As vertentes que caracterizam a vida do artista, retratadas pelos depoentes no documentário, a religiosidade, o orgulho de ser negro e o sucesso na carreira artística, foram tomadas como base para a elucidação do processo de formação da identidade cultural da região.

Portanto, retratar Mário Gusmão, analisar seu legado, é decompor um artista talentoso, baiano, completo, que através da arte venceu os preconceitos de uma sociedade discriminatória. Assim sendo, a reflexão desta obra audiovisual serve para fomentar discussões acerca dos elementos que compõem nossa identidade cultural, contribuindo para que o indivíduo altere o seu contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, Jeferson. **Mario Gusmão. Um príncipe negro na terra dos dragões da maldade.** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica.** 1994. Ed. Papyrus, Campinas, SP.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 1999. 3 ed. – Rio de Janeiro, DP&A.

MOURA, Miltom. Identidades. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Cultura e atualidade.** Salvador: Edufba, 2005. (Coleção Sala de Aula, vol.2). PP. 77-90

OLIVEIRA, Eduardo, **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Publicação Ibeca, Fortaleza: LCR, 2003.

ROSÁRIO, Élson. **Mário Gusmão: o anjo negro da Bahia.** Documentário. 2005. produzido pelo projeto Doc.TV.

SILVEIRA, Renato. Etnicidade. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: Edufba, 2005. (Coleção Sala de Aula, vol.2). PP. 29-47

WEB

GUTEMBERG. “**Lembrando Mário Gusmão**”. Disponível em:
<http://blogdogutemberg.blogspot.com/2008/11/lembrando-mrio-gusmo.html>. Acesso em: 26 de novembro de 2009

SANSONE, Livio. **Entre esquecimento e exagero. A África na cultura popular e na sócio-anthropologia brasileira**. Centro de Estudos Afro-Orientais. Universidade Federal da Bahia. Disponível em:
http://www.erudito.fea.usp.br/PortalFEA/Repositorio/1181/Documentos/leitura_1_2_1.pdf. Acesso: 25 de novembro de 2009

Home Page Teatro Vila Velha:
<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/bando/bando.htm>. Acesso: 22 de novembro de 2009

Home Page Ylê Aiyê: <http://www.ileaiye.org.br/>. Acesso: 25 de novembro de 2009